S. PAULO (Brazil) — **Sabbado, 27 de novembro de 1909** — **ANNO IV — NUMERO 7**

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: **BENJAMIM MOTA**

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

A Escola Moderna em S. Paulo

Pelo que abaixo se vai ler podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio ás injuncções do clero mentiroso, vai ser um facto, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em S. Paulo.

Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixarão de enviar donativos ao comité promotor da grandiosa idéa.

—

O comité encarregado pelos representantes de varios centros liberaes e associações economicas na assembléa que teve lugar na noite do dia 17 de novembro — para que expuzesse ao publico o programma da Escola Moderna e para que angariasse os recursos necessarios para levar a cabo e com exito tão importante tentativa, inicia seus trabalhos de propaganda com a publicação da presente circular, explicando as bases fundamentaes do ensino racionalista e suggerindo as modalidades pelas quaes todos aquelles que reconhecerem a importancia moral da renovação dos vigentes systemas de pretendida educação, poderão prestar o seu concurso e offerecer o seu obolo para, custe o que custar, triumphar tão generosa iniciativa como a da fundação da Escola Moderna cidade que parece destinada a continuar sendo o ludibrio dos successores do padre Anchieta, de sanguinaria memoria.

O comité, sciente das graves responsabilibades moraes e materiaes que lhe cabem e sciente das lutas e obstaculos que lhe levantarão os elementos retrogrados, não poupará esforços declarando-se a tudo prompto, mas reconhece que sem o auxilio e a solidariedade de todos os livres pensadores decididos e convictos, não poderá para breve alcançar o fim almejado.

Aconselhamos, portanto, todos os que querem coadjuvar-nos, principalmente no interior do Estado, a constituirem por sua vez sub-comités de propaganda, angariar donativos, promover festas, kermesses, conferencias a pagamento e pôr em circulação as listas de subscripção que serão por nós distribuidas aos amigos e companheiros.

O comité já dispõe do valioso offerecimento de um terreno que será sorteado: temos fé que outras offertas de valor serão postas á nossa disposição pelos sinceros admiradores da obra de Ferrer; dê cada um segundo as suas posses e as suas convicções.

De todas as quantias arrecadadas será dada publica informação nos jornaes liberaes ou em boletim publicado pelo comité. Todos os fundos serão depositados em Bancos e garantidos de qualquer desvio; assim, os materiaes, casa, machinas, mobilia, livros e outros capitaes adquiridos, serão collocados de modo apto a subtrai-los ás confiscações dos illegaes da legalidade.

O fim a alcançar traçado ao comité pela assembléa que o elegeu pode ser compendiado nos seguintes paragraphos:

1ª. — Installação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e a educação racionalista e que, confórme os casos, serão cedidas gratuitamente ou a preço reduzido.

2.º — Aquisição de um predio para implantar na cidade de S. Paulo o nucleo modelo da Escola Moderna.

3.º — Procurar professores idoneos para dirigir a dita Escola.

4º. — Auxiliar aquellas que no interior do Estado poderão surgir baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer.

—

A Escola Moderna propôi-se libertar a criança do progressivo envenenamento moral que por meio de um ensino baseado no mysticismo e na bajulação politica, lhe communica hoje a escola religiosa ou do governo;—provocar junto com o desenvolvimento da intelligencia a formação do caracter, apoiando toda concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livra-lo das peias das congregações ou do Estado, para que sem medo e sem restricções lhe seja possivel ensinar honestamente, não falseando a historia e não escondendo as descobertas scientificas.

O ensino racional baseando se sobre a razão e não curvando-se á fé, plasmará portanto individuos independentes, capazes de escolher amanhã o proprio caminho na sociedade e individuos humanos, pois não se fará da escola o que hoje é, uma causa de rivalidade, uma fonte de idéas absurdas e de preconceitos rancorosos, aos quaes devemos grande parte das perturbações sociaes e das violencias que assignalam a marcha evolutiva da humanidade.

Possivelmente o ensino será integral, exercitando o alumno progressivamente em todos os conhecimentos intellectuaes e physicos. Havendo recursos será tambem cultivado o ensino profissional.

Emfim, a Escola Moderna propôi-se fazer da criança umhomem livre e completo, que *sabe* porque estudou, porque reflectiu, porque analysou, porque fez a si mesmo uma consciencia propria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como phonographos as verdades de Moyzés e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano, pequenos nos odios e nos enthusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Estas são as normas fundamentaes que servirão de base á Escola Moderna e que por meio de conferencias e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos comprehendam o que queremos.

—

Por iniciativa do Grupo Pensamento e Acção se realizará uma festa em beneficio da Escola Moderna no dia 31 de dezembro vindouro com o drama «Giordano Bruno».

Os bilhetes familiares custam 2$. Publicaremos no proximo numero o programma por inteiro.

—

Toda a correspondencia relativa á Escola Moderna deve ser enviada a Leão Aymoré. rua Gomes Cardim, 5. S. Paulo.

O pavor dos corvos

A Cidade de Campinas, o tal orgam dos masmarros do bispado da visinha cidade, cujos ossos o bispo manda lhe dar para que a infeliz arraste sua misera existencia, expondo suas chagas e mazellas, noticiando os preparativos para a fundação de uma Escola Moderna, assim conclue:

Nós esperamos que em nossa abençoada terra, não logrará crescer esta planta mal lita, que está florescendo na Hespanha e noutros logares.

E' o pavor dos corvos a se manifestar nessas linhas, porquanto o padre tem mais medo de uma escola neutra que o rato do gato.

Infelizmente para elles a tal planta maldita tem de florescer, pois hoje só progride o que é maldito; o que é abençoado, já se sabe, vai pela agua abaixo num instante.

Não é, porém, muito religiosa a linguagem da anemica e lazarenta *Cidade*. Para um orgam que vive das esmolas do bispo a linguagem devera se esta:

«Pedimos a Deus e á Santissima Virgem, e aos Santos Apostolos e a S. Benedicto que empreguem todos os meios (e nesse caso a fuzilação, como se faz em Montjuich), para impedir etc., etc.»

Mas, o respeito humano?



As torpezas de um padre

1) Edwiges Gomes, de 14 annos de edade, ultima victima do padre Cyriaco, com a qual elle se casou civilmente; 2), Maria da Conceição; 3), Maria dos Anjos, dotada com um conto de réis pelo padre Cyriaco, seu offensor; 4), Eugenia Gomes; 5), Joanna Pacca e 6), Flavia Enedina dos Santos, tambem dotada com um conto de réis pelo famigerado padre que a deflorou. 7), o bandido padre Manuel Cyriaco de Oliveira, ex-vigario da Lapa, suspenso das ordens e excommungado por se ter casado civilmente com uma das victimas, e não pelos crimes que commetteu...

Publicamos hoje o retrato do celebre padre Manuel Cyriaco de Oliveira, vigario de Lage, no Estado da Bahia, e que no espaço de um anno e poucos mezes deflorou onze (11) moças, todas pertencentes á Irmandade *Filhas de Maria*. O proprio templo foi o local dos crimes. A ultima das victimas, menina de 13 annos, é hoje esposa do monstro, que foi excommungado só por se ter casado no civil. (O bispo da Bahia achou que isto é que era crime; o resto nada era).

Para tal bispo, tal padre.

O povo que reflicta se isto é ou não é o fructo do jesuitismo e de seus ensinos.

Depois os hypocritas clamam contra a immoralidade do seculo, quando são elles, os guardas da moral (jesuita, notem bem) os primeiros a se revelarem depravados, corruptos, libidinosos e infames.

Estuprada e assassinada?

Uma menina desapparecida mysteriosamente do Orphanato Christovam Colombo — As infamias dos padres

Até hoje a policia e a justiça desta terra têm deixado em paz os responsaveis pelo desapparecimento da menina Idalina Stamato, que se achava recolhida ao Orphanato Christovam Colombo.

Bafejados pela impunidade, á sombra de uma criminosa tolerancia, os delictuosos que se aboletam no dito orphanato, cynicamente, com o mais vivo despudor, têm tecido uma série de mentiras para explicar o mysterioso desapparecimento.

Ora, Idalina se encontra em Monte Alto em casa de um padre, e verifica-se que isto é mentira.

Ora, acha-se em uma fazenda em Ariranha e o Alferes João de Oliveira a vai buscar e, com vinte soldados, tem de fugir repellido pelos capangas.

Tudo isso é farça.

E, mais que farça, é infamia.

Os padres do orphanato fazem desapparecer uma infeliz orphã e ainda chacoteiam dos que exigem contas do delicto, zombam da justiça e tripudiam...

E' necessorio que seja esclarecido o facto; que o mysterio se desvende, pois é bem possivel que Idalina tenha sido estrupada e depois supprimida para que seus algozes continuem a mostrar, ao mundo, a face de histrião untada de santidade.

E para isso empenharemos todas as nossas energias.

Queremos saber o que ha de verdade no caso.

Nossa collega *La Battaglia* promoveu uma longa e energica canpanha sobre o caso até agora sem resultado, infelizmente.

A collega chegou a offerecer um conto de réis pelo depoimento de alguem que por acaso tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mas o mysterio permanece, porque a justiça e a policia, não sendo impellidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada vêm, nada ouvem.

—

Continuaremos no proximo numero, publicando o retrato da infeliz Idalina.



A Escola Racionalista de Agua Branca, alvejada pela furia jesuitica-policiesca do sr. Washington Luiz, que a encerrou brutalmente, expulsando arbitrariamente o seu professor Edmundo Rossoni

Excursão de propaganda

Nos primeiros dias de dezembro partirá um dos nossos redactores em propaganda pelo interior e, ao mesmo tempo, encarregar-se-á de receber e angariar assignaturas.

Em todas as localidades que seja possivel elle fará conferencias anti-clericaes, e por isso esperamos que os nossos correligionarios o auxiliarão o mais possivel

Da mesma fórma esperamos que os nossos assignantes envidarão esforços no sentido de facilitar-lhe a tarefa, assegurando igualmente o futuro e a prosperidade d'*A Lanterna*.

Predilecta Hespanha

Desde que a igreja romana perdeu a teta da França, e que estas por não lhe dar mais dinheiro, deixou de ser a primogenita, a Hespanha é que occupa o primeiro lugar entre as filhas do papa. A Hespanha, é inutil dize-lo, official e argentaria, que o povo já se vai afastando do clericalismo.

E, afinal, o clero tem razão. Leiam esse trecho de Paul Louis, publicado na *Revue Politique et Litteraire*:

«O orçamento, que é pesado pára um paiz pobre—mais de um bilhão de francos —é quasi inteiramente absorvido pela divida publica, pelo exercito e marinha, *e pela manuteução do clero regular e secular. Os cultos exigem 50 milhõe de francos por anno, cinco vezes mais (guardadas as devidas proporções) do que na França, sob o regimen da concordata. Não ha sinão migalhas de creditos para os trabalhos publicos e para o ensino: tambem, todo o progresso está paralysado, e é colossal o effectivo dos illetrados. O analphabetismo reina ali como senhor soberano, tal como na Italia do Sul. E sobre 19 milhões de habitantes, mais de doze milhões não sabem ler nem escrever.*»

50 milhões de francos para manter na ociosidade a padralhada, emquanto as populações campezinas de Valencia morrem á fome.

50 milhões para o clero, emquanto a instrucção publica é tratada da seguinte fórma, segundo informam ao *Jornal do Commercio*:

«Ha pouco tempo uma estatistica mostrava que a proporção dos que não sabem ler nem escrever na Hespanha era consideravel em relação aos outros paizes da Europa.

Mais recentemente, são os proprios jornaes hespanhóes que reclamam contra a falta de escolas na Hespanha.

As crianças não podem aprender a ler e a escrever, explica-se, porque as poucas escolas existentes são anti-hygienicas.

Um ministro da Instrucção Publicas, d. Amalio Gimeno, deu conta, num trabalho especial, dessas escolas malsãs.

Algumas não têm senão uma janella e esta mesma dando para o cemiterio.

Outras funccionam á entrada de uma prisão, na mesma sala por onde passam os presos.

Muitas são contiguas a salas de hospital.

Das 429 escolas de uma provincia, 400 não têm agua.

Muitas não recebem ar senão pela porta de entrada. Não são raras as que têm por soalho a propria terra batida. Na propria capital hespanhola, em Madrid, a situação é lastimavel.

Recentemente, *El Liberal* escrevia: «Boa ou má, uma escola é indispensavel e em certos bairros de Madrid as escolas faltam ao ponto que centenas de crianças não sabem onde ir se instruir.»

Ultimamente tambem os habitantes de varias ruas de Madrid (Argumosa, Valencia, San Cosme, Lavapiés e outras) se dirigiram a *El Pais* para declararem que mais de 900 crianças não podem aprender a ler e a escrever porque não existe escola no districto do Hospital.»

Ora, si o romanismo faz tanto empenho em se incumbir do ensino, e, si após tantos seculos de dominio na Hespanha, apresenta tão triste resultado, é claro, é evidente, é indiscutivel que o clero só deseja o povo ignorante para melhor dominar.

«Embrutecer para dominar» è a sua divisa, cujas infelizes consequencias têm sido constatadas em todos os paizes catholicos.



As filhas de Ferrer

Trinidad Ferrer

Extrahimos de *Le Journal*:

«As filhas de Ferrer foram surpreendidas pelos gritos dos vendedores de jornaes que annunciavam a noticia da execução.

Trinidad Ferrer estava em casa, um pequeno quarto de hotel em um bairro popular visinho ás fortificações. Vacillava entre a esperança e a dôr quando ouviu os gritos dos vendedores. Desceu correndo á rua, comprou um exemplar e, apenas leu os grandes titulos do jornal, soltou um grito e caiu sem sentidos. Foi logo soccorrida.

Após grandes esforços, fizeram-n'a voltar a si. Tinha nas mãos crispadas o periodico que acabava de comprar. Leu e releu o despacho que lhe annunciava a orphandade, porém não querendo crer na autenticidade da noticia, subiu a um coche e correu toda Paris de redacção em redacção. Finalmente se dirigiu ao ministerio do Interior para saber se era verdadeira sua desdita. Ali não puderam confirmar a fatal nova.

Desanimada a desventurada joven, que está gravida de oito mezes, volveu á casa. Ao chegar, uma nova emoção a aguardava. Desceu de um automovel sua irmã, Paz Ferrer, a conhecida artista, e se precipitou em seus braços chorando.

Foi emocionante o encontro das duas irmãs. Trinidad Ferrer não poude supportar mais tempo sua emoção. Desmaiou de novo sendo preciso leval-a a seu quarto onde, presa de alta febre, teve que guardar o leito. Um medico, que foi chamado com urgencia, ordenou absoluto repouso, pois a situação especial em que se achava podia trazer sérias complicações.

Um de nossos redactores teve uma entrevista com Trinidad, que lhe declarou:

— Nosso pai era o melhor dos homens. Apesar de quanto se tem dito é certo que jámais nos olvidou nem nos deixou sem recursos. Não sou feliz é verdade. Trabalho para ganhar minha vida. Tenho dois filhos doentes; porém meu pai sempre foi bom para mim e me ajudava sempre que era necessario.

A ultima carta sua que recebi é de 4 de outubro. Nesta data meu pai dizia que não podia ser condemnado, pois era innocente dos factos pelos quaes o perseguiam. Desde então não tive mais noticias, porque meu pai estava incommunicavel.

Hontem pela manhã telegraphei a Barcellona pedindo noticias. Não obtive resposta. Soube da horrorosa realidade pelos periodicos.

Um amigo de Ferrer, que sempre visitava Trinidad, nos disse que a desgraçada senhora adorava seu pai.

Ferrer, accrescentou, tinha o criterio de que todo ser humano devia ganhar sua vida. Por isso deixava trabalhar suas filhas, porém não as abandonou e sempre provia a suas necessidades.

—

Trinidad Ferrer vai processar os que insultaram, em cartazes affixados em Paris e em Ardennes, a memoria de seu pai.

E diante das declarações de Trinidad que ainda virá dizer o *Bi-Hebdomadario Catholico*, forjando novas infamias, sobre o proceder de Ferrer para com suas filhas?

E' tão grande o repertorio de calumnias da imprensa romana...

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA—*Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.



— Não ha que duvidar, foram os anarchistas...
— Caramba! E eu que acreditava serem os proprietarios da Casa Allemã pessoas de bom comportamento!

Ecos & Notas

Dentro da lama

Persevera o *Bi-Hebdomadario Catholico*, do Rio, na faina ingloria de manchar a memoria de Ferrer, não contente com a sua morte, pequena vingança para tão grande odio.

Para isso o orgam de que fazem parte Felicio dos Santos, professor da Faculdade de Medicina, e Andrade Figueira, o decrepito e carola monarchista, forgicador de conspirações, adulterou, traduzindo, tudo quanto se passou no julgamento de Ferrer.

E ingenuamente, parvamente, estupidamente o dito jornal affirma «que é muito commentada a EXAGERADA LIBERDADE (sic) de que fez uso o defensor», sem dizer, entretanto, com o revoltante cynismo dos que se debatem na lama, que esse mesmo defensor pediu e não obteve os livros da Escola Moderna e só teve 24 horas para estudar uns autos de 600 folhas.

Entretanto o terrivel e rancoroso orgam reaccionario teve de confessar, a contragosto embora—, que «Ferrer ficou o que foi». Felizmente não foi possivel espalhar a mentira de que elle morrera convertido, como tentaram fazer com Carducci e o que provocou o celebre telegramma do grande poeta moribundo: «immutato e immutabile».

Assignalemos, comtudo, uma sinceridade do *Bi-Hebdomadario Catholico*: no cabeço se lê — *O Bi-Hebdomadario Catholico* é o jornal mais barato do Brasil.

Perfeitamente de accôrdo...

Digno de nota

Um distincto collaborador do *Sertanejo*, nosso collega de Barretos, applaude a oração do bispo d. José Homem de Mello, na qual esse prelado, rebatendo o sermão de um seu subordinado que applaudia o fuzilamento de Ferrer, disse que a igreja ensina: *não matarás!*

Sem querer indagar se a piedade desse prelado é sincera, sempre queremos ver se o clero de todo o Brasil, que sem excepção applaudiu esse assassinato dando mostras de uma ferocidade e um rancor incriveis, se não fossem manifestados por elle, é capaz de affirmar que o bispo Homem de Mello é cumplice de Ferrer!

O anonymato

Espreita o faccinora, occulto, a chegada da victima e mata á traição; o anonymo, sem a necessaria coragem para assumir a responsabilidade do que diz, mergulha na sombra e, invisivel, despeja de lá a injuria soez, o insulto vil e torpe, á falta de melhor argumento.

De Bica de Pedra nos enviaram um exemplar d'*A Lanterna* em que um miseravel qualquer, tão ignorante quanto perverso, traçou em grandes caracteres umas phrases pornographicas denunciadoras de uma rasteira educação e de costumes bem degradantes. E o interessante é o que o anonymo se qualifica—«um que não é besta», dando, ao mesmo tempo, pelo que escreve, irrefragavel prova do contrario.

Certamente o infeliz é um typo criado no ambiente mephitico das sacristias, porque, affirma, que si o Brasil fosse a Hespanha, não existiria *A Lanterna*, com o que demonstra, sem querer, o coitado, que a igreja só póde combater a verdade pelas balas e pela tortura.

Para que possam avaliar tudo quanto de mau, de asqueroso, de infame, de repugnante póde brotar do cerebro enfermiço de «um que não é besta», deixamos em nossa redacção esse numero, para que possa ser visto por todos.

Collaboração

Temos recebido muitos artigos e poesias que a absoluta falta de espaço tem impedido de dar á publicidade. Dentre esses ha alguns que, por terem perdido a actualidade, não convém sejam inseridos; outros aguardam opportunidade, pois não podemos sacrificar os assumptos do dia.

Pedimos a todas as pessoas que nos enviarem artigos o favor de escrever em letra bem legivel, num só lado de papel e, si usar pseudonymo, dar, entretanto, seu nome para nosso governo.

Tambem rogamos, devido á carencia de espaço, que sejam breves e concisos.

Aos que nos têm enviado poesias, prevenimos que difficilmente serão publicadas, salvo os sonetos, sendo, pois, preferivel que escrevam em prosa.

Uma ré publica

E' a tal de Jardinopolis, que, no intento de *pegar no bico da chaleira* do tal d. Alberto bispo, escreve que «alguns individuos andaram sujando as paredes de predios e inutilisando placas com boletins anti-clericaes».

E' interessante este commentario:

«Achamos muito justo que cada um proceda conforme as suas ideias, **mas porém**, não se prevaleça de *cousas futeis* para affrontar quem quer que seja».

Cousas futeis é o assassinato de Ferrer, que tambem assim qualifica a *ré publica* a condemnação do grande educador; *quem quer que seja* é o bispo.

Saberão dizer-nos onde pára o juizo da *re publica?*

Concorda em que Ferrer foi assassinado e a isso chama *cousas futeis*. Acha que d. Alberto é divino e a elle se refere num *quem quer que seja* tão desdenhoso como se fosse da *Lanterna*.

Não ha duvid—agua benta apodrece os miolos...

***

Em o mesmo numero da ineffavel *re publica* lá vem o d. Alberto qualificado — inconfusivel operario... Fusivel é e que se funde. Infusivel é o contrario. Portanto, d. Alberto num forno de alta pressão não se funde nem a mão do deus padre. Que lhe seja de bom proveito.

***

«S. exa. percorre agora todas as parochias de sua diocese para inteirar-se de toda as necessidades de todo o seu povo», assegura a *re publica*.

Santa ingenuidade!

Que se lhe dá, a sua reverendissima e divinal pessoa, que o povo tenha necessidades. Não será para as alliviar que viaja. E a prova são os 2$000 de cada creança que é chrismada.

Santos ingenuos!

«Diario de Noticias»

Sob a direcção do deputado rio-grandense dr. Pedro Moacyr surgirá, brevemente, no Rio, mais um quotidiano sob este titulo.

Já o nome de seu director é uma segura garantia de exito.

O sr. Henrique Marinho é o secretario da redacção.

Pobre marreco

Marreco, o insigne e laureado *lambe-galhetas* director da *União Catholica*, jornaleco que se publica em Guaratinguetá, ficou medonhamente indignado porque dissemos que a cara dos cardeaes, á falta de melhor applicação, pode servir de escarradeira. Tão indignado ficou o infeliz idiota que revolveu tudo o vocabulario pornographico de seus mestres da Basilica para nos insultar.

Francamente, tivemos pena. Causou-nos dó o estado a que o reduziu o furor. Nunca pensamos que o *Marreco* se magoasse até o ponto de quasi morrer icterico. Mas, se o infeliz, a todo o custo, não quer que a cara dos cardeaes sirva de escarradeira, offereça a sua larga e bronca face de cretino para tal fim. Ficarão os cardeaes em socego e o *Marreco* poderá ser nomeado, pelo serviço, conde papalino. Serve?

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi



Primeiras impressões

Estas estupidas criaturas vegetam entre os muros do convento e nada têm de sympathia e de attractivo. Quando com ellas me confundo e com ellas divido as horas do passeio e do recreio, sinto uma desagradavel sensação que me faz esquecer quanto haja de santo e bello no mundo. Eu creio que os padres existem apenas para fazer desapparecer todo sentimento do coração. Pobre coração humano.

Pela manhã, mal desperto, saio em busca de um pouco de alegria em tanta amargura de vida, mas uma indolencia morbida se apossa cada hora mais de mim, e meus sentimentos são obtusos.

Muitas vezes me vem a idéa de escrever a minha mãi rogando lhe tirar-me deste lugar. Penso ás vezes o dia todo, mas o pensar que a vou desgostar, dar-lhe talvez a morte, me detem e acabo fazendo nada.

Nada mais perigoso que a solidão. Ella nos atira á desperação e, sinão nos furtamos ao desanimo que nos incute, até ao suicidio nos arrasta. Os padres envenenam todo bom sentimento de amor. Oh tormento inaudito! Oh crudelissimos torturadores da alma, como são venenosos os manjares que preparais á sombra dos vossos seminarios.

4 de maio — Creio util alludir ás confissões que os superiores obrigam a fazer cada 15 dias nos seminarios. Um pouco de mau humor entre os seminaristas, suscitados de pequenos favores ou de illicitas relações de mestres com escolares, é o bastante a decidir os superiores a sotopo-los á confissão. Um dia, em que meu pai espiritual estava sentado em uma poltrona em minha cella, ajoelhei-me a seus pés diante da imagem de Jesus. Elle, o confessor, comprehendeu que desejava lavar as culpas de minha consiencia com uma boa e total confissão e, com as mãos cruzadas no peito, começou:

— Deus vos abençoe. Dizei-me todos, todos os vossos peccados.

— Padre—respondi—confesso ter diminuta fé na veracidade dos dogmas da nossa santa religião.

— Pois não tendes para vossa edificação mestres e sacerdotes de elevada e provada santidade? Não recebeis quotidianamente exemplos de virtude christã que vos confirmam sempre mais na verdade catholica? Recordai-vos de que a fé deve ser cega.

— Para quem não cuida de syndicar sobre a origem destes dogmas, escogitados pelos...

— A bocca do sacerdote não pode mentir, e tambem o ignorante pode e deve confiar em suas palavras, que são palavras de verdade.

— Como são verdades os escandalos que pratica aos olhos do mundo, comquanto revestido de ordens sacras. Até aqui, por exemplo, temos padres immoraes e descrentes que não se envergonham de insultar publicamente a Deus e de chamar ao papa *besta romana* em seus partos poeticos. Si a verdade se tivesse de aprender da bocca do sacerdote ficariamos sempre no erro, e disso dão provas aquelles mestres que não fazem coisas licitas com os seus alumnos...

Neste ponto o rosto do pobre se alterou e seus olhos scintillaram.

— E podereis dizer-me quaes são esses reverendos que chamais impudicos e descrentes?

— São... o professor da primeira gymnasial... o vice-reitor...

— Basta, basta; são rebutalhos do clero: são aquelles que, em época não distante, desmoralisarão este santo lugar. Tendes mais o que confessar?

— Tenho o peccado da soberba.

— Sabeis que um acto de soberba perdeu a Lucifer.

— Rezo raramente e mal.

— A oração conduz ao paraizo.

E se esforçava em ensinar-me a amar a Jesus, á Virgem, aos santos; elle que não cria e vivia como um padre libertino.

Antes de deixar o confissionario quiz narrar-lhe que justamente naquelles dias haviam sido deplorados no seminario varios attentados ao pudor.

— Pensai a confessar os vossos peccados e não os alheios — disse-me o digno padre com aspecto severo e solenne.

Dahi se póde comprehender que certas noticias não ferem em nada a susceptibilidade dos confessores. A immoralidade os deixa indifferentes e os encontra sempre promptos á indulgencia.

PADRE FRANCISCO BIGLIAZZI

O castigo de Deus

«Deus não quer a morte do peccador mas o seu arrependimento» disse, um dia, o galileu que o catholicismo chama seu fundador.

Pois, bem, os padres o que querem é a morte do hereje e assim o demonstra, mais uma vez, o *Mensageiro*, com aquella implacavel sêde de vingança que tão bem caracterisa o clero.

A proposito do cruzeiro derribado em Campinas pelos proprios padres, segundo os mais veementes indicios, narra esse pamphleto que em Limeira ha muitos annos deu-se facto identico, praticado por seis pessoas, das quaes duas ficaram na miseria, duas enlouqueceram, uma morreu de um tiro e uma envenenada.

E affirma o tal jornal que isso foi castigo de Deus.

Revolta-nos essa torpe exploração da creça ingenua do povo, porque, dado que fosse Deus quem tal fizesse elle estaria em desaccordo com o que disse a seus discipulos.

E segundo ensinam os bonzos, Deus não se contradiz.

Arredando do caso Deus, que é afinal um explorado, e que anda tão longe que ainda não poude ser visto, si aos seis sacrilegos (!) succederam taes desgraças é licito affirmar que foram os clericaes quem, atrozmente os perseguindo, acabaram por assassinar a dois e a levar á miseria os outros quatro.

Assim é que vivem esses parasitas, insuflando no povo fabulas e absurdos e o incitando ao odio, á perseguição, á vindicta cruel, fazendo desse Deus, tão docil a seus manejos, ora um pai que perdoa, ora um carrasco executor da pena de Talião.

Podemos tomar a sério esses roupetas?

Póde alguem confiar na veracidade do que dizem?

Não. Elles são os apostolos do erro, os propagadores da mentira e a mais perfeita encarnação da hypocrisia!

O cliché que estampamos, da Escola Racionalista, foi-nos gentilmente cedido pelos nossos collegas da *Tribuna Italiana*.

Commentando o incendio



— Aquellas labaredas subindo ao ceu, irmão, que belleza!
— Sim... é verdade... porém faltava alguma coisa...
— Comprehendo-te... mas não percas a fé.. Talvez que mais cedo do que suppões, veremos entre as labaredas algum herege.

S. Francisco

OU A VERDADEIRA BOSTA DE VACCA

A rua do Regente é uma das ruas mais perigosas do Rio de Janeiro. Isto póde parecer troça, mas não é. Assim como ha homens pacificos e homens perigosos, tambem ha ruas perigosas e ruas pacificas. E precisamente como succede em relação aos homens, os nomes das ruas estão tambem em flagrante contraste com a natureza dellas; de modo que assim como qualquer sujeito chamado Felizardo ou Felicissimo hade, fatalmente, ser caiporissimo e desgraçado, tambem qualquer rua da Harmonia ou do Regente não póde deixar de viver em constante chinfrim e em perpetua desordem.

A razão de semelhante facto não a conhecida exactamente, mas tudo me leva a crer que uma tal extravagancia só póde ser devida á intenção macaca de se divertir com que Deus fez homens e ruas.

Seja porém como for, o facto é este: na rua da Harmonia não se passa dia em que não haja uma desordem e na rua do Regente não ha a minima sombra de segurança. O pobre incauto, pois, que— aviso aos caipiras — fiado naquelle tranquilizador nome do Regente, teimar em passear por essa viella, arrisca-se muito a levar, de um momento para o outro e sem saber como nem porque, uma rasteira que o deita de cangalhas, uma surra que lhe deixa os ossos num molho, ou uma facada que, com alma e tudo, o manda de presente ao Diabo

E', pois, uma rua perigosa a rua do Regente. Mas a que proposito vem isto? Apenas para dizer que passei ha pouco por essa nojenta e patibularia via. E' evidente que para um espirito ordenado e sobrio não era preciso nada disso para dizer coisa tão simples; mas como o meu espirito nada tem com a sobriedade e é duma vagabundagem pavorosa — mesmo porque se não fosse não se mettia pela rua do Regente — foi mistér toda essa prelenga.

Passava, pois, como entendido fica, por essa rua, quando, ao descambar duma esquina, dei de cara com o meu velho amigo Luiz Correia Palermo a retorcer, encostado numa porta, as guias implicantes do seu bigode grisalho.

— Olá! por aqui? — disse-me elle logo que me avistou.

E, terminados que foram os apertos de mão e aquellas palavras banaes e tantas vezes hypocritas que presidem ao encontro de duas pessoas conhecidas, perguntei-lhe rudemente, olhando em deredor.

— E tu, tu que fazes por aqui?

O Correia sorriu, apontou para o interior da casinhola a cuja porta nos achavamos e, com certa ponta de cinismo, accrescentou:

— Cava-se a vida, não vês? Para alguma coisa me haviam de servir os meus conhecimentos pharmaceuticos e a minha longa estada na roça. Nem só os padres e os boticarios têm direito á vida.

Era uma casa de ervanario. O intenso, confuso e desagradavel cheiro que desde a porta se sentia já o estava indicando. Mas, percorrendo a casa com a vista, logo notei que o meu amigo não se limitava, naquella arapuca, ao honesto commercio de ervas medicinaes. Entre homoletos e bogigangas de feitiçaria que se ostentavam no meio dos molhos de hervas, surprehendi sobre a porta para o interior, numa especie de nicho, a imagem dum sereno S. Francisco a olhar tolamente para quem passava. Aos pés jazia-lhe uma Biblia Sagrada e um Livro dos Espiritos. E aquillo, evidentemente, indicava malandragem!

— Estás intrujando a humanidade, meu patife! — disse eu sorrindo.

Elle não se perturbou. Com seriedade e vigor volveu logo:

— Enganas-te, meu caro. Estou simplesmente cavando a vida. A humanidade é estupida, que queres?! A culpa não é minha. Bem sabes que fiz o que pude para leval-a ao caminho da verdade e da belleza. Não foi porém possivel, desacoroçoei, cancei-me; adquiri mesmo a convicção de que ella será eternamente estupida e eternamente escrava. Agora sirvo a sua burrice. Não o faço, devo advertir, por espirito de philantropia— bem sabes que odeio a caridade;—mas é que com os meus esforços para arrancal-a ao erro e á superstição havia ficado reduzido a morrer de fome. Sirvo, pois, a sua burrice, mas apenas como meio de vida. Faço como os emprezarios de theatro que, depois de se arruinarem com a representação de boas obras d'arte que o publico despreza, se põem a representar grosserias boçaes, a que o publico afflue freneticamente. E' o apologo do cão de Baudelaire, meu caro. A humanidade é como o cão. O cão rejeitava o pão de ló que o sabio lhe havia atirado para ir lamber um monte de escremento que farejara num portal. A humanidade é assim.

A tirada fora extensa e substanciosa. O Correia defendera-se airosamente. Não insisti, pois.

— E o negocio vai dando?

— Vai, vai; mas vem dahi; vem cá dentro: quero mostrar-te o melhor. Não vás pensando que se possa viver e pagar casa com a venda diaria d'alguns tostões de ervas.

Penetramos na sala contigua. E o meu espanto cresceu. Muito baixa, acachapada, pequenina, escura, apenas alumiada por uma restea de sol que se coava por uma telha de vidro, a casa pairava numa penumbra cheia de melancolia e exhalava um bafio humido e repulsivo. Lembrava um subterraneo.

— Aqui está o altar, disse o Correia indicando uma mezinha de pinho cheia de bonecos e bogigangas. Do lado direito destacava-se um crucifixo cujo Christo deitava sangue por todos os membros; do lado esquerdo uma esquipatica estatueta do Diabo fazia lembrar um fauno grotesco. Entre as duas divindades christãs entrepunha-se uma caveira de dentes brancos e luzentes.

— E' ahi, aos pés de Christo ou Satanaz, que o freguez depõe a quantia destinada á consulta. Eu retiro-me um momento, emquanto o consultante se enche da atmosphera macabra do recinto; cinco minutos após, quando o desgraçado já se acha immerso na ideia que o persegue e na angustia que o arrasta, volto com uma tunica roxa ou vermelha, conforme foi Christo ou Satanaz a divindade escolhida, faço um trejeito deante da divindade e sento-me naquella poltrona.

A poltrona estava ao lado do tamborete, mesmo de fronte á mesa-altar. Da parede, junto á poltrona, encrustada na caliça, irrompia uma caveira pintada de vermelho, com os dentes dourados.

— Eu sento-me na poltrona, proseguiu o feiticeiro, e a besta da tenacidade senta-se no tamborete. Fiz isso propositalmente para marcar a inferioridade della e realçar a minha superioridade. E' desse tamborete humilde que ella me mostra a sua estupida alma choramingando os males imaginarios que a sua estupidez criou. Deus e o Diabo estão subordinados á minha vontade, humanidade estupida. Eu sou o individuo, o Unico, o Soberano. Qual é o teu mal, besta? Fala! Dos males que Deus ou o Diabo infligem, por elles ou pelos seus numerosos subditos, eu te livrarei, humanidade! Fala! Essas potencias que tu creaste e de que depois te fizeste escrava, besta humana, estão em meu poder, são coisa minha, doceis ao meu chicote e ao meu trovejar. Mas, para isso dá-me um bocado do teu sangue— isto é, do teu dinheiro. Na natureza nada é de graça. A vida não dá coisa alguma. Para tudo é mister um esforço. A quem queres que ordene, que imponha, que mande? A Deus ou ao Diabo? Fala!

O Correia inflammava-se. Falava com a uncção dos loucos, com a firmeza e sinceridade dos visionarios, dos revoltados. Commoveu-me e causou-me medo. Receei que delirasse, que enlouquecesse.

—Mas basta, homem! Já comprehendo. E ri um pouco para espalhar a emoção.

— Cancei-me de ser besta, entendes—tonou elle já no seu tom habitual. Agora cultivo, exploro ou sirvo—como quizeres— a estupidez alheia.

— Descobriste um singular meio de vida, não ha duvida. E talvez tenhas razão.

— E' aqui que eu faço o melhor da féria, podes crer, já tenho fama e vem gente de longe consultar-me, já sou um pequeno Deus... Dentro daquella caveira—proseguiu apontando para a parede— ha um bico de gaz que eu accendo á hora das consultas. Por meio de um tubo de borracha e uma pequena bomba que ageitei, consigo transformar, quando quero, a pequena luz numa viva lingua de fogo para queimar ou tostar qualquer objecto relativo ao caso do cliente. E' com essas e outras patranhas que eu lhes dou a completa convicção do meu poder sobrenatural. Ah! a humanidade é estupida e irredimivel, meu caro! Já não creio em nada.

Voltámos á loja,

FOLHETIM

GOLIARDO E RATALANGA 7

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

Os tormentos de monsenhor

O capitão, a estas palavras, estava para fazer sahir de novo a durindana da bainha, mas a recordação da vara electrica desfez immediatamente toda a sua susceptibilidade militar.

Passeios aereos

— Tendes ainda—accrescentou o lunar— provisões no balão (o mensageiro corre para lá com dois bater de azas) e podereis devoral-as aqui. Mais tarde mandaremos preparar para vós a comida dos animaes.

O capitão teve outro impeto.

— Dos animaes ?

— Desculpe, não queria offender-vos. Nós não comemos, mas existem na Lua animaes inferiores que comem como vós, os cães, os bois, os porcos. Para elles temos depositos de viveres.

Monsenhor consolou-se.

— Désde que se coma, não faço questão de dignidade. O mensageiro voador assim direi, tinha voltado, pondo na herva quanto achara no balão, e nós comemos—um pouco humilhados— no meio da mais viva curiosidade dos assistentes, aos quaes o velho dava explicações, collocando-nos, evidentemente, num grau não muito lisongeiro da escala zoologica.

***

— Desculpai- disse eu—engulindo um pedaço de carne de conserva, para prevenir alguma nova furia do capitão, que estava sobre espinhos, vendo-se objecto de toda a curiosidade lunar— que dizeis áquelles cidadãos do campo ?

— Explicava-lhes que não podereis viver nas altas camadas celestes, onde a atmosphera é rarefeita ou nulla.

— E vós viveis nella ?

— Certamente ! Não temos precisão de ar, ou de oxygenio, para queimar os alimentos no estomago. A respiração é, pois, para nós uma superfluidade, emquanto é indispensav l aos animaes inferiores que habitam a Lua.

— Ou que nella estão de passagem...

O velho sorriu.

— Assim—accrescentou — não funccionando as mucosas, o sangue da peripheria não soffre alterações pelo frio, e podemos dispensar os vestidos, necessarios aos organismos menos desenvolvidos.

Monsenhor coçou as sobrancelhas :

— Mas os vestidos não são necessarios sómente para defesa das intemperies : elles são tambem defesa do pudor !

Os pudores de monsenhor

Duas ou tres galantes lunares, que seguiam attentamente a nossa conversação, approximaram-se.

— Amigo Pensamento, que é pudor ?

Monsenhor olhou as córando e estava para recitar-lhes uma pagina de Santo Affonso quando o velho poz um dedo na bocca.

— O pudor é um preconceito dos habitantes da Terra, especie immoralissima entre todos os sêres vives, que inventou normas moraes para excitar lubricos pensamentos.

— Mas como ? !—exclamou monsenhor—pretendereis que cobrir o corpo seja costume immoral ?

— Não para vós, pois que o cobri-lo é uma necessidade determinada pelo clima, mas se-lo-ia para nós que a tal necessidade não estamos sujeitos. A curiosidade destas moças lunares, excitada pela primeira vez, diz-vos si estou em erro.

— Mas então deveremos nos tornar selvagens outra vez ?—insistiu monsenhor desesperadamente.

— Não, disse o velho—não selvagens, mas civilisados. Todo o costume não determinado pela necessidade, é uma incongruencia e uma immoralidade. Desapparecendo a precisão de cobrir-se, faze-lo seria simplesmente immoral, apresentando sob véos artificiosos e com a fascinação das coisas prohibidas aquillo que é natuaal e que não deve despertar pensamentos impudicos.

Monsenhor ficou profundamente desconcertado com a duvida de que a philosophia affonsina tem necessidade de uma radical refórma.

***

Tinhamos jantado optimamente, e o naviosinho aereo offerecia-nos o celere flanco para uma bonissima digestão.

Approveitamo-nos delle immediatamente, subindo atraz de nosso guia que nos collocou na aeronave em commodissima posição.

Notámos logo que todos os meios de locomoção aerea—dos quaes viamos entrecruzarem se sobre e sob nós no espaço - comquanto de fórmas variadissimas, apoiavam-se num mesmo principio : a imitação dos volateis, com lemes e remos movidos á electricidade.

A lua a vol «d'oiseau»

O balão corria, levando nos de surpresa em surpresa.

Debaixo de nós, na ampla extensão dos prados e collinas, talhados em jardins de flora maravilhosa, os kiosques de verdura entrelaçados no ferro —habitações particulares—isoladas ou em grupos, e as gigantescas, comquanto elegantes, construcções destinadas ao uso publico.

Aquillo que mais singularmente nos chamava a attenção era a fusão intima da natureza e da arte, de modo que se tornava difficil determinar onde cessava aquella e começava esta.

As casas e os palacios pareciam um desenvolvimento racional das coisas naturaes, assim com as solennes florestas, dobrando os frondosos ramos em guisa de galeria, ou agrupando as copas excelsas em cupula florida, deixavam em duvida si fossem producto do humano artificio, ou si os palacios — fossem germinação da natureza.

Tal era a grandeza e formosura daquellas construcções erguendo-se para o céo, capazes de conter no vasto flanco milhares de seres vivos, que córamos ao pensar em nossa arte, producto fatigoso e fragmentario da pouca actividade terrestre, misero retalho, de tanto tempo e tanta intelligencia consagrados á brutal luta pela existencia material.

Parece que o velho advinhou o meu pensamento, porque disse :

— E' verdade ! A civilidade data do momento em que o homem cessa de prover ás necessidades materiaes da vida. Antes desse momento tudo é prehistorico no genero humano. (CONTINÚA)

O pobre Luiz Correia, que ali me estava fallando com ares de louco, precocemente envelhecido, escalavrado, minado de doenças, havia gasto o melhor dos seus annos nas estereis lutas de partido. Passava por todas as religiões e por todas as facções politicas. O seu ultimo credo fora o anarchismo. Dahi passou a não ter mais credo ; tudo era chimerico, tudo falso, tudo vão ! Só uma verdade havia para elle d'ora avante : a eterna e incuravel estupidez e escravidão da humanidade e, do mesmo modo, a eterna e irremediavel escravização dos individuos superiores, dos poucos capazes de serem livres e senhores de si. E a sua alma assim desilludida, desencantada, fazia lembrar um cerro deserto e devastado pela geada e granizo. Estava secca, morta.

Já á porta, para me ir embora, corri de novo os olhos pelas prateleiras. Aos pés de S. Francisco, no nicho, sobre a Biblia, lobriguei uma especie de tijolinho estreito, de um esverdeado escuro.

— Que diabo vem a ser aquillo, Luiz ?—disse eu apontando para o extranho objecto.

— Ah ! Logo vi que não deixavas passar... Aquillo é bosta de vacca.

— Bosta do vacca ?

— Sim, homem, bosta do vacca. Está ali como um symbolo, como uma prova authentica da estupidez humana. Foi assim : ha annos, estando eu em Ouro Preto, desenvolveu-se lá uma pequena epidemia. Um qualquer curandeiro, diplomado ou não, mas arrotando sapiencia, disse que era bom queimar bosta de vacca como preservativo do mal. E então foi uma verdadeira febre. Queimava-se bosta por todos os cantos. O ar havia-se tornado irrespiravel. Certo domingo, subindo ao pulpito, o vigario da igreja de S. Francisco, que era um pouco desabusado, verberou o facto e, abrindo a boccarra, disse :

— E' uma indecencia, meus irmãos, esse queimar de bosta de vacca. Isso é falta de fé. Um povo religioso não vai, aliás, fazer dessas porcarias. Faz preces a S. Francisco, que é o mais milagroso dos santos, faz festas piedosas, missas propiciatorias. O que é preciso, contra a epidemia, não é queimar bosta de vacca, não, é ter fé em S. Francisco. A verdadeira bosta de vacca é S. Francisco.

Entrou um cliente. Despedi-me.

MOTA ASSUNÇÃO.

OBSERVANDO

Consta que o sympathico grupinho editor da *Lanterna de Diogenes*, vai accusar os anti-clericaes *et caterva*, de terem ateado o intelligente incendio que vai dar um solemne desfalque nas burras das companhias... protectoras da industria da combustão espontanea e dos «curtos circuitos».

E' mui natural que os catholicos intransigentes recorram a uma nova infamia para que se saliente, ainda uma vez, a *sublimidade* da religião que professam. Duvidamos, porém, que o povo caia no laço que a policia, com a cumplicidade de uma inprensa alcoolizada e sem pudor, armou para justificar, perante a opinião publica, as perseguições que está preparando contra os homens de ideias adiantadas.

O povo já conhece os verdadeiros membros da verdadeira Mão-Negra : todos capitalistas, policiaes e jornalistas, cheios da graça de Deus, patriotas destemidos e... ladrões descarados.

CUYM.

«A LANTERNA» em Jardinopolis

Estamos outra vez ás voltas com o famigerado Vinheta, um valente *toureiro* que, por ser tão *toureiro* e tão *valente* foi expulso das Filippinas, apesar de todas as suas excommunhões.

Infelizmente o que foi varrido das Filippinas para o bem daquellas ilhas aboleiou-se aqui e entende que em Jardinopolis é elle quem tem o baraço e cutello. E nem uma outra viagem á Europa quer fazer.

Ha oito mezes, mais ou menos, foi cobrado o tal *laudemios*, que ha muitos annos não se cobrava. Mas o Vinheta tanto fez que recebeu 12 contos.

Agora houve uma briga entre Vinheta e o fabriqueiro, devido ás contas, e por não ter o padre dado informações sobre o *arame*. E o certo é que não ficou nem um dez reis porque o cemiterio da fabrica está em aberto e os animaes vão ali pastar.

Após ter aqui apparecido *A Lanterna*, de que o Vinheta tem tanto medo quanto o diabo da cruz, diz elle que ha em Jardinopolis meia duzia de anti clericaes, mas, devagarinho, hade fazer uma limpeza

Viram só que pulha ? !

Felizmente já não somos do tempo em que o veneno, o punhal e a fogueira mandavam desta para melhor os herejes ; e se o Vinheta quer fazer limpéza é preciso começar por si, pois o padre suja e macúla toda a parte em que passa.

Esperamos, para gaudio dos leitores da *Lanterna*, que o Vinheta, com suas fanfarrices, ainda nos hade fazer rir á vontade.

E' um «toureiro valente», não resta duvida.

(Do correspondente).

CAIXA DE HEREJES

F. Antunes—*Nesta*—Seus versos revelam sinceridade e enthusiasmo, mas a forma é que pecca. Nós não devemos ter muita pressa em publicar as nossas primeiras producções. Assim o amigo deve ir se aperfeiçoando até chegar a uma relativa perfeição. E como os versos, hoje, devem ser finamente trabalhados, é preferivel dedicar-se á prosa. Não se agaste, e, se quizer, envie-nos todas as suas producções sem acanhamento, para que as julguemos.

Dr. Codeas—*Nesta* — Sua carta é de uma ironia preciosa e desenha muito bem o perfil jesuitico e bacchico do tal Bourroul. O amigo fez jus a mais uma excommunhão, o que vale cem vezes mais que uma benção.

Até a tal sciencia bolorenta do Historiographo Bourroul fica reduzida a uma expressão bem simples.

S. C.—*Riveirão Preto*—Para o tal jesuita estamos armazenando material, colhido nas taes cartas que elle escreve na *Cidade*. Aproveitaremos tambem suas informações. Todo jesuita, de batina ou casaca, é isso mesmo.

Adolpho—*Nesta*—E' exacto o que nos diz em sua missiva. Si as beatas têm tanto medo ás baratas é porque sabem que ellas são suas homonimas. Tambem se chama *rato de savristia* aos beatos,

Onabru— *Cravinhos* — Seu ultimatum ao bispo de Nictheroy, a respeito de monsenhor Quartim, deveria ser, no mesmo numero, seguido dos retratos e documentos, sem o que é inconsistente. Esperamos sua decisão.

Raphael Pires—*Nesta*— Aves de rapina, morcegos, cães famintos, viboras e *muchas cosas mas* são os taes membros do clero

Em sua carta o amigo pinta em cores fortes toda essa corja de gananciosos e demonstra ser um intransigente lutador.

Muito bem. Gostamos de saber que podemos contar com um tão devotado companheiro.

Heine—*Nesta*—Tudo que o amigo diz do W. Sousa, o bonifrate chefe de policia, é exacto. Mas, em que mais culpado é o tal Washington é nas perseguições que move á liberdade de pensamento e de imprensa, pois que os roubos como o do Fachada e as bombas da Casa Allemã não são mais que a reproducção do que se dá em Londres, Paris, Berlim, etc. em que a policia é mil vezes melhor organizada.

Só é passivel de censura o socio dandy do Automovel Club em suas perseguições aos operarios e em seu servilismo aos grossos capitalistas.

Veja-se o caso Rossoni.

G. BRUNO.

Para o proximo numero

A tyrannia do espaço obriga-nos a adiar ainda diversos artigos e noticias, entre os quaes :

«Renovação da Escola» (continuação) de F. Ferrer ;
Conclusão do manifesto academico ;
«O Bandido de Casaca», artigo de Ulysses Martins ;
Collaboração ;
Notas, commentarios, etc ;
A Lanterna no interior ;
O nosso concurso ;
Correspondencia de Ribeirão Preto.
«Como elles escrevem a historia» .. (secção de critica aos jornaes).

"A Lanterna" em S. Vicente

Em sua viagem de colheita de nickeis andou aqui o principe d. Duarte Leopoldo, que, segundo o velho costume, casou pessoas já ha doze annos casadas no civil, e outras que viviam amasiadas. Isso elle fez para guerrear o casamento civil, mas os baptisados e chrismas, além de outros obulos, recompensaram lhe a fadiga.

— O Grupo Dramatico dr. Moreira Sampaio levou á scena, no dia 15 deste, o drama *Os Ladrões da Honra*, cujo enredo põe ao vivo alguns dos muitos crimes jesuitas.

Tinham agora annunciado o drama *Manchas de sangue* mas, segundo consta, os elementos reaccionarios que andam a vegetar nas igrejas, procuram impedir que o proprietario do *Rink* alugue o salão.

Sempre desse modo, buscando fazer pressão, que os carolas apregoam os triumphos de sua religião.

(Do correspondente).

Com a S. Paulo Railway

Em carta que nos enviaram os trabalhadores da plataforma da Estação da Luz, queixam-se do modo deshumano e brutal com que os trata o fiscal Antonio de Sousa Coelho, a mando do chefe do trafego sr. Fidelis.

Dizem elles que si chegam alguns minutos mais tarde são obrigados a trabalhar meio-dia de graça para a Companhia, que é já tão rica, e se não se sujeitam soffrem 5 dias de multa.

Além de só perceberem 90$000 mensaes soffrem elles continuos descontos no ordenado, o que não é justo.

Esperamos que esses vexames serão evitados, pois essa extorsão muito depõe contra os foros de seriedade da S. Paulo Railway.

Loterias de São Paulo

Quinta-feira, 29 de novembro

Magnifico plano

20 CONTOS

Bilhetes á venda em
todas as casas lotericas

Na Policia Central



— Precisamos acabar com a Mão-Negra.
— Nesse caso suicidamo-nos.

"A Lanterna" em Ribeirão Pires

Tambem por aqui tem passado a unha do padre ; e é uma desgraça. Onde elle cae, já se sabe ; o pobre fica sem um real e o abastado soffre forte sangria.

Agora, sob o pretexto de uns reparos no cemiterio o CURA, que só cura de si, andou a fazer subscripções, com o que, certamente, ainda mais encheu a sua bolsa.

Se o padre tem seu officio, como qualquer outro, devemos obrigal-o a mudar de profissão pois que a sua, que é de mentir e enganar o povo, não póde ser exercida.

Emfim, vamos vêr se aqui, em Ribeirão Pires, tambem o povo abre os olhos e não se deixa espoliar.

(Do correspondente).

Na capital

Iniciaremos o mais cedo possivel as conferencias anti-clericaes nos arrabaldes de S. Paulo.

Outrosim, prevenimos a nossos dignos assignantes que vamos começar a cobrança na capital.

Aos amigos

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entranhas, dos governos sem-escrupulos e dos capitalistas gananciosos encontrarão n'*A Lanterna* todo o apoio e defesa.

Os nossos representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que espontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna* :

Amparo, sr. José Mendes.
Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.
Campinas, sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.
Itatiba, sr. B. Martins.
Atibaia, dr. Olympio Paixão.
Guaratinguetá, sr. José Muniz.
Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.
Jahú, sr. Octacilio Maciel.
Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth, rua da Alfandega, 163.
Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.
Palmeiras, sr. Adilio Ramos.
Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.
S. Roque, sr. Credo Negrelli.
Dobrada e lugares circumvisinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.
Pirapetinga, (Minas), sr. Francisco Assis Teixeira.
Botucatú, sr. Domingos Dorsa.
Porto Alegre, sr. Cecilio Dinorá.
Jardinopolis, sr. João Zucchi.
Franca, sr. Urbano Peçanha.

ESPECTACULOS

Moulin Rouge—Completamente reformado reabriu-se na semana passada esta casa de diversões.

Ainda hontem estréaram as tres Princezas de Liliput e Miss Bessy Law, cantora e bailarina norte-americana, que foram muito applaudidas.

Radium — Continúa a ser o ponto predilecto das familias paulistas.

— Para hoje está annunciado um variado espectaculo.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos :

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio ;

Na rua Visconde de Sapucahy ;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate) ;

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes ;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

Soffria Atrozmente de Anemia



Restabelecida em Seis Mezes

— COM A —

Emulsão de Scott

"Declaro que tendo uma filhinha que soffria atrozmente de enfraquecimento geral do organismo e de uma anemia tão profunda que dia em dia a consumia mais, empreguei com o melhor resultado a *Emulsão de Scott*.

"Aos seis mezes, a criança ficou completamente restabelecida, forte, robusta e com bôa côr, sendo agora a admiração de quantos a tinham visto no seu estado debil e doentio."— JOSÉ A. GRANADO, Rio de Janeiro.

O que fez a EMULSÃO DE SCOTT por esta menina, fal'o constantemente por todas as crianças que veem ao mundo com uma natureza fraca e debil. É uma verdadeira Providencia da Infancia.



Exija-se sempre esta marca.

SCOTT & BOWNE
Chimicos Nova York

Aviso

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lantdrna*, na secção *Bilhetos e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra ; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia ; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

FOLHETIM (7)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

II

E naquella luta em que o misero se esbofava como desalmado tyranno, não se sabia qual era mais desgraçado — si a besta ajoujada á canga, si o homem ajoujado áquelle labor, inspirando-lhe o odio.

Tropas cruzavam-se conduzindo cereaes e outras mercadorias. O tropeiro, mais feliz de certo, passava cantando as suas *Tyrannas* numa voz dolente, casando-se bem com a melancholia de em torno. De quando em vez silvava um assobio para despertar os animaes, batia o arrocho na capa da cangalha, proseguindo com a sua cantarola, improvisada por vezes, incorrecta e rustica, mas de uma poesia encantadora.

— E' a verdadeira felicidade! — disse Laura designando-o.

— Quem sabe o que vai de magua embalada na doce canção? Canta para afugentar os males, para amortalhar a saudade!... — exclamou o Chagas. Sempre errante, quantos abysmos não lhe cavam no coração os amores que vai deixando? Recordações do prazer avivam mais no peito a sêde cruciante de gozo e o canto melancholico do tropeiro é a cinza em que procura abafar o brazeiro das paixões.

— Historia! — ajuntou o bacharel. São uns brutos! não sentem, não pensam nada.

— A intensidade do gozo ou do pezar — tornou o pintor — está na razão directa do adiantamento physico e moral do individuo, bem sei. Mas uma alma que se desabrocha na fascinante belleza da canção popular soffre como artista que é.

— Qual belleza e qual artista. Ouça lá o que elle canta! — volveu o Sena.

E o tropeiro echoava a voz altisonante através das campinas:

Venço rios, rompo mattas,
Venço desertos tambem;
Só não destroço a saudade
Que sinto p'r'amor d'alguem.

Passam dias, correm annos,
Morrem prados, murcham flores...
Minh'alma que tem saudades
Tambem morre ao mal d'amores.

— Pobre poeta rustico — pensou o Chagas — só eu te comprehendo, talvez, no meio desta caravana; só eu, como tu, proseguindo sempre na perenne romaria, hoje aqui, amanhã além, em busca da inabordavel Mecca, do desconhecido gozo, posso medir a intensidade de tua melancholia por essas cinzas de coração deixadas como rastro triste, constantemente, perennemente á tua passagem.

E as scenas se movimentavam mais á proporção que abicavam a Central. Boiadeiros passavam conduzindo rezes morosas, arrebanhadas pelo grito prolongado e ameador dos conductores. A voz vibrante, num como ululo intenso, repercutia nas serras, acordando a soledade dos campos, servindo de rebate aos incautos que palmilhassem a estrada. As mesmas canções improvisadas, porém de musica mais dolente, brotavam-lhes do peito e eram interrompidas a cada passo por pragas obrigando as arredias rezes a voltarem á manada.

Os peregrinos deixaram aquellas vozes nostalgicas, um como sulco de melancholia, aquelles viajantes vagarosos na romaria da luta pela vida, em busca, tambem, do inaccessivel, do mysterioso futuro apparecendo ao longe, aurea miragem nos roseos sonhos desabrochando-se á eterna esperança, eternamente gravada no peito.

III

Penetraram na Central. Mediavam apenas algumas horas dahi ao ponto final da excursão.

O expresso ia pejado de gente na primeira quinzena de setembro: os passageiros de segunda invadiam a primeira classe, tornando mais incommoda a viagem.

Laura descera as vitraças por causa do pó e pedia agora ao marido para abri-las afim de respirar melhor.

— Queres que te diga? Valia mais a pena ter feito este pequeno trecho a cavallo.

— A questão principal é a comitiva, ficava mal acommodada, sem pasto, sem tratamento, exposta aos ladrões. Não sabes o que aquillo é, filha! — disse o Sena. Pensas ser como na fazenda do velho!

— Bem sei que não. Mas para pouparmos os animaes ou por pequena economia nos expormos a isto! — volveu ella, quasi num murmurio, designando a crescente invasão.

A calma tornara-se insupportavel. Ao pé, ao fumo das queimadas, ao vapor enjoativo do carvão unia-se o cheiro incommodativo da transpiração humana, o fetido das ulceras em putrefacção.

(*Continúa*).

"A LANTERNA" em Mattão

Em resposta ao sermão do padre Luiz Salamero o Centro Espirita disrribuiu um boletim em que desfez as asserções daquelle padreco. O boletim, bem redigido, com argumentos esmagadores, ficou sem resposta, que é esse o costume dos taes ministros quando acham pela frente quem não os poupa.

São sempre assim estes padres: pregam suas mentiras a seu rebanho mas evitam a discussão porque receiam perder a ascendencia do pastor sobre as ovelhas.

(*Do correspondente*).



SERMÃO

SCENA DE IGREJA

... Continuando o sermão:

O que deste pulpito vos fala não é um S. Vicente de Paula...

(*Voz interna*) — Não me atrevo a dizer a verdade, porque respeito os meus freguezes: sou uma Santa Vicenta de Paula...

Proseguindo:

Meus filhos: o jejum é o melhor meio para a abstenção dos prazeres sexuaes.

(*Voz interna*) — Isto nunca eu direi á minha bella... criada que, si na arte culinaria é insuperavel, na de popular o solo é coelheira... E não seria extranho que entre tantas mulheres e meninos algumas me tenham pertencido e alguns fossem meus. Nisto sou, pois, *um tanto* incoherente.

— Vós, penitentes que ainda tendes de expurgar vossos peccados, só sereis salvos dos castigos de Deus se fizerdes como vos digo:

«Dai de comer ao faminto. Dai de beber ao sedento.»

(*Voz interna*) — Comtanto, porém, que não vão nessa onda os frangos do meu gallinheiro, os presuntos da minha despensa e o vinho gostoso da minha adega.

Alguns pobres de espirito (os que ganham o reino do céo) trazem-me ao confissionario as suas virgens filhas, outros as suas honestas esposas. E entre ellas não falta quem por mim seja matricida, para me proporcionar prazeres, ganhando com isso um lugar no Paraizo.

Ah! eu sou maior que o sêr supremo... porque sou um sêr fazedor de filhos sem pais. E nestas coisas, com um conto de réis, e até com menos, tapa-se a bocca a todos os blasphemos indiscretos que por ventura surjam.

— Praticai a caridade para com os pobres desvalidos. Para cada lagrima dos doentes tende vosso coração magnanimo e generoso prompto a alliviar-lhes a cruz da sua dor.

Voz interna — De boa vontade eu teria deixado de pronunciar taes palavras, quando por mais não fosse, ao menos para evitar que amanhã cedo essa infindavel caravana de famintos e leprosos me viesse aborrecer com as suas lamurias.

Mas não ha remedio senão resignar-me, *o meu officio* assim o exige.

Não só Christo teve a sua cruz, eu tambem tenho a minha: não a de madeira, como a que tanto fez suar o pobre redemptor, mas a de ter de pagar quotas a diversos *clubs* de protecção ás jovens orphãs e aos meninos expostos, grande parte dos quaes é forçoso reconhecer que são victimas minhas e de meus collegas.

* * *

Neste momento alguem percebeu a sua voz interna. O tachigrapho cessou de traçar signaes e arabescos sobre o papel, o qual foi derrubado pelos fieis tomados de panico, que fugiam espavoridos.

E' que um proselyto de Bakunine tinha gritado ao publico as rebeldes palavras do grande revolucionario russo: «Nem Deus, nem patria, nem amo.»

E a este grito um outro deu uma cacetada na corôa do reverendo orador que o reduziu ao silencio.

Assim se destroem as crenças com as forças da razão e com a razão das forças.

P. U. RUIZ.

Loterias da Capital Federal

Sabbado, 18 de dezembro

500 CONTOS — Bilhete inteiro — 36$000

Sabbado, 18 de dezembro

Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

Em Sorocaba

Recebemos dessa cidade o seguinte cartão:

Sr. redactor.

Realisou-se aqui, como em todas as cidades civilizadas, a festa denominada da bandeira. Foi ella promovida pelo illustrado moço sr. Luiz de Campos, director do grupo escolar. A concurrencia foi selecta e o brilhantismo seria unico, si não fosse o que abaixo vos passo a expor. Depois de alguns hymnos, etc., tomou a palavra o professor Abilio Marques, moço intelligente, não ha negar, mas que, ao envez de manter-se firme ao encargo a que se submettera, qual o de traçar o panegyrico do nosso pendão, do seu valor, da sua necessidade, em fim, fugiu ao assumpto verberando os fundadores da escola moderna, os livres-pensadores e pregando a sua religião, a catholica, com ares dum capuchinho em rendosa semana santa... Falasse sobre a bandeira, estava direito, mas nunca procurasse abusar da nossa bondade de espectadores, rebuscando phrases no colorido do verso, ou na eneexhaurivel fonte dos Roquettes, para impingir-nos a «sublimidade» da religião que ennegreceu a historia e que, no Brasil, em nome do mesmo Deus que só sabemos de amor, gerou um Anchieta, o monstro catechisador que mandou trucidar Bolés, o genio altivo da razão! Não sr. Abilio, venha pelo terreno dos factos, pela logica, e vamos vêr se a festa da bandeira tem algo de vêr com a religião de que sois adepto! Sr. redactor, ahi fica o meu protesto. — Sorocaba, 21—11—09. — *Um acerr.mo livre-pensador.*

Um professor que se rebella contra a Escola Moderna e acceita e celebra uma bandeira positivista, que até aqui a igreja não quiz reconhecer devido ao lemma — «Ordem e Progresso»!...

Para um professor carola essa amostra de illustração (!) e coherencia vai muito bem.

E' que o gajo acompanha sua igreja que, nos tempos modernos, procura sempre estar ao lado do mais forte, embora os dogmas se esboroem...

Solicitamos instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna.*

PEQUENOS ÉCOS

Hotel Central — Recebemos uma circular do sr. Caetano Benedetti, que nos informa ter este senhor proprietario do Hotel Central de Uberaba, reformado e melhorado consideravelmente este estabelecimento, de modo a torna-lo o preferido de quantos visitam a cidade mineira.

Gratos pela communicação, desejamos ao sr. Caetano Benedetti *buoni affari* e *quattrini*.

Padre malcreado e covarde — Em carta dirijida ao *Correio de Cruzeiro* o sr. Octavio Ramos queixa-se de ter sido insultado pelo vigario Felippe Alonso, que lhe exigia a devolução de uma missa, já entregue á comadre do tal sacerdote.

O sr. Octavio escapou de ser victima de uma aggressão, pois o padre Felippe tinha junto a si um collega e um grande cão — o unico que não o ameaçou nem insultou.

Além disso, esse padre é accusado de insultar aos parochianos, e tem até provocado escandalos com senhoras casadas.

Um conselho ao sr. Octavio: abandone as mentiras da padralhada e aliste-se no rol dos homens livres.

Visita — Recebemos a do nosso agente em Santos Luiz Bezzi, que nos deleitou com boa palestra e trouxe-nos muito encorajamento.

Loj.·. Independencia — Para assistir a festa com que essa respeitavel Loj.·. de Campinas commemora seu 42 anniversario recebemos um amavel convite de seu secretario Ulysses Lelot.

Muito gratos.

Liga Operaria — Inaugura-se amanhã, em Sorocaba uma Liga Operaria, dispondo de numerosos socios que se acham possuidos de muito enthusiasmo.

Fundada sob os melhores auspicios esta Liga trará grandes vantagens ao operariado da adiantada cidade.

Para fazer uma conferencia nesse dia seguirá de S. Paulo um conhecido orador, que assim attende ao convite que lhe dirigiram os fundadores da Liga.

"A LANTERNA" em S. Roque

Pelo visto, temos em S. Roque o Santo Officio, um pouco mais moderado, é exacto, porque já lhe não é possivel torturar e queimar sêres humanos; mas nem por isso deixa de ser o Santo Officio, com as mesmas formalidades a que não falta a fogueira — a arma da igreja para converter e dominar.

Os salesianos andaram aqui a prégar a santa missão e, por meio de ameaças terriveis e espantosos anathemas, conseguiram, principalmente das mulheres, a entrega de livros, taes como a Biblia, folhetos espiritas e protestantes, romances e postaes illustrados para os lançar á fogueira, o que fizeram.

Foi a 7 deste mez, domingo, que os taes parasitas salesianos queimaram os livros hereticos, porque, diziam os mentirosos, com as chammas purificavam as almas dos incredulos. E' só com o fogo que elles purificam, os tratantes. Desse modo elles deveriam ser os primeiros a ser queimados.

Foi um verdadeiro acto inquisitorial que, se não foi vaiado, foi por uma medida de prudencia.

Entre algumas cartas, capas do Novo Testamento e duas Biblias imprestaveis, achei uma estampa do Coração de Jesus, que os patifes não quizeram queimar.

Os proprios catholicos reprovaram tanta intolerancia.

A's 5 horas e 25 minutos da tarde, foi erigido no alto de um morro o grande cruzeiro, tão grande que requereu, para ser transportado, o esforço de 40 caipiras robustos. Media 9 metros de altura, 3 metros de haste e uns 22 centimetros de espessura.

Notamos que alguns que se intitulam incarniçados inimigss da igreja ajudaram a erguer o cruzeiro, que attestará aos passantes que os salesianos aqui estiveram tosquiando o povo crendeiro e ingenuo.

Estando chantado o cruzeiro, um dos padrecos fez um sermão em linguagem claudicante, arrevezada, terminando por um *viva* ao symbolo e ao clero, que foi correspondido por alguns *morras*.

—

Tivemos, numa palavra, em S. Roque, uma scena da inquisição. Si não queimaram herejes é porque não puderam; que a vontade não lhes faltou.

DO CORRESPONDENTE.

Bilhetes e recados

Rio—Moscoso: Recebi os 16$500. Agradou o numero unico. O Gallo agradece os teus serviços.—Jango: Mande os ns. que sobraram que ha falta.—Mota: Estimamos tua melhora. Alteramos o endereço. Saúde. Obrigados pela lembrança. Custa 1$. —A. R. Maçãs: Permutaremos.— Ulysses: Sempre o mesmo, hein? Publicaremos.

Sant'Anna de Sapucahy — H. D. Nascimento. Recebemos os 10$. Obrigados.

Campinas—Olivar: Muito bem! E' preciso impedir. — A. Pace: Registramos o novo assignante.—P. de Riga: Seguiram mais os 20 numeros. O jornal tem seguido com regularidade. Recebi o jornal. Saúde.—F. Ferrer Bueno: Gratos aproveitaremos. Já neste numero alguma por conta.

Lorena—F. Jucá: Recebemos e sahirá logo que seja possivel.

Santos—L. Santos: Recebemos e sentimos não podermos publicar. Temos recebido tantos versos que é impossivel inserir todos. Escreva prosa que é preferivel.

Ribeirão Preto—F. Bahiera: Está bem Mandaremos os 40 exemplares. Saudações.

Abbadia de Dourados—Dr. O. Paranhos: Enviamos um pacote e registramos seu nome. Saudações.

Rocinha—José Porto: Recebemos e publicaremos. Agradecemos a lista de assignantes.

S. J. do Paraizo—J. B. Thomaz: Fizemos a transferencia de sua assignatura. Saudações.

Jardinopolis— V. Tacchi: Recebemos a lista de assignantes. Agradecidos.—Tacchi: Breve seguirá o conferencista. Saudações.

Piracicaba — J. Alemany: Mandaremos pacotes ás pessoas indicadas. Não ha inconveniente; póde vir no principio do mez. Saudações.

Botucatú—F. L. Ribeiro: Enviamos os 30 exemplares. Agradecemos o seu interesse e a indicação. Saudações.

Pirassununga—Dr. D. Jardim: Lamentamos a sua resolução, em todo o caso, nos poderá coadjuvar ahi. Saudações.

S. Paulo— D'Ogláchili: Está claro. E' essa a nossa conducta.—V. Sierra: Seguem os jornaes. Obrigados.

S. Vicente—M. Barcala: Enviamos os 20 exemplares. Agradecemos a informação. Saudações. Póde ser nosso agente?

Itatiba—B. Martins: Recebeu? Saudações.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

Pedimos aos amigos que desejam acceitar o cargo de representantes d'*A Lanterna* em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame.*

A Lanterna acceita e publíca denuncias contra o clero e contra toda e qualquer autoridade, desde que o facto seja veridico e não seja passivel de formal desmentido.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Solicitamos de todos os amigos e leitores, com o fito de tornar mais vasto o raio de acção d'*A Lanterna*, que nos enviem toda e qualquer noticia de crimes e patifarias da padralhada, cortando-a do jornal, cujo nome deverão nos enviar assim como a data e o logar em que se publíca.

Afim de facilitar a acquisição de obras literarias, scientificas ou de propaganda, nos propomos mandal-as vir do extrangeiro mediante pedido acompanhado da importancia, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um annuncio.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: 3$000.

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vida desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internaca Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Subscripção pró-Lanterna

Do nosso amigo de Santos, Leonidas Cortez, recebemos a seguinte subscripção por elle promovida:

Lista de subscripção voluntaria entre aquelles que tenham amor á verdade. E' em prol d'*A Lanterna*, o vigoroso orgam de combate, que em S. Paulo faz tremer o clericalismo hypocrita em seu fragil pedestal:

Carlos Borges, João Figueira e Leonidas Cortez, 1$ cada um; Praxedes Nascimento, $400; Antonio Pinto, Augusto Gonçalves, João Zeferino, Balarino Esteves, Vidal dos Santos, F. Balarino, Alexandre Gonçalves, Cicero Paula, Candido Rios, Miguel de Souza e José Manuel da Silva, $500 cada um. Total, 8$900.

Uso constantemente

Declara assim o illustrado medico do Rio de Janeiro num attestado dos srs. Scott & Bowne sobre a Emulsão de Scott:

«Attesto que na minha clinica tenho feito uso constantemente da Emulsão de Scott, particularmente entre as crianças, sempre com os mais vantajosos resultados.

DR. ABEL M. DA GAMA E SILVA.»

SOLITARIA

Expelle-se, sem perigo e facilmente, com a **Ankylostomicida Philipp's n. 1.** — Drogaria Berrini, rua Hospicio, 18 — Rio.

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

Agua ingleza

A melhor é a de **Nascimento & Francesconi.** — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18 — Rio.

Joaquim Marques Rolo

Este senhor, morador em Cataguazes, Minas, ou em suas immediações, é procurado por Adelina Rodrigues Maçãs, residente no Rio, á rua do Hospicio n. 166, Federação Operaria.

Como não seja sabido o seu paradeiro, roga-se a transcripção deste a todos os collegas.

Opilação

Cura-se radicalmente com o **Ankylostomicida Philipp's.** Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

Vermouth, 400 réis
Chop e sandwichs, 200 rs.
Vinho Barbera e Toscano
Ponce Toscano, 200 rési

No CRITERIUM BAR

2 — Largo do Rosario — 2

Tuberculose

A **Antibacillina Nascimento** produz excellentes resultados. — Drogaria Berrini, Hospicio, 18- Rio.

Motores

a vapor, de **8, 12 e 16 cavallos,** na FUNDIÇÃO DO BRAZ.

F. AMARO

Rua Corrêa de Andrade, 20

Bronchites, tosses, etc.

Curam-se com o **Expectorobronchico.** — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18 — Rio.

Professor

Um engenheiro, com longa pratica de ensino, prepara alumnos para as Escolas de Commercio, Normal, Polytechnica e «Mackenzie College» e dá aulas praticas e theoricas de inglez, cobrando apenas 10$000 por materia, mensalmente. — Rua Barão de Iguape, 128.

Horario das aulas nocturnas — das 5 ás 6 hs. da noite: segunda-feira, portuguez; terça-feira, algebra; quarta-feira, portuguez; quinta-feira, algebra; sexta-feira, portuguez; sabbado, algebra; das 6 ás 7: segunda, portuguez; terça, desenho; quarta, portuguez; quinta, desenho; sexta, portuguez; sabbado, desenho; das 7 ás 8: segunda, inglez; terça, geometria; quarta, inglez; quinta, geometria; sexta, inglez; sabbado, geometria; das 8 ás 9: segunda, inglez; terça, arithmetica; quarta, inglez; quinta, arithmetica; sexta, inglez; sabbado, arithmetica; das 9 ás 10: terça, quinta e sabbado, arithmetica.

NOTA — Ha tambem aulas diurnas das materias acima e outras.

Bons queijos

Fabricam-se com o **Coalho suisso em pó.** — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18 — Rio.